

Autonomia econômica poderia ajudar muito

O Guarã é a cidade satélite onde mais se reformam residências, e mais de 70% das famílias que para aqui vieram após terem sido beneficiadas com uma casa própria já foram pressionadas a abandonar a cidade. Por esse motivo — continua Francisco Brandes — é preciso dotar a cidade de uma infraestrutura para que os seus moradores não usem do seu local de residência apenas para dormir.

Acredita ainda Francisco Brandes que, ao contrário do que se divulga, o Guarã muito precisa em termos de urbanização, áreas de lazer e serviço comunitário. No entanto, segundo ele, o Governo do Distrito Federal está empenhado em solucionar esses problemas, atendendo também a outras grandes reivindicações daquela comunidade, no que toca aos problemas das mal-cheirosas lagoas de oxidação, escoamento de trânsito e vias que dão acesso à cidade, um setor de ofícios, dentro outras.

GAMA

Após completar 20 anos em outubro, a cidade-satélite do Gama é a terceira mais populosa do Distrito Federal, com cerca de 180 mil habitantes. A exemplo de outras satélites, surgiu para absorver núcleos populacionais provisórios, cabendo ao Gama abrigar, de início, parte da população das Vilas Amauri, Paranoá e Planalto.

Além do problema de saneamento básico, o Gama continua bastante deficitário no setor de segurança pública, saúde, urbanização e medidas de combate às erosões do setor sul, que chegam, em determinadas quadras, a medir mais de 20 metros de profundidade. A cidade, no entanto, segundo Geraldo Ueber, presidente de sua Associação Comercial e Industrial, tem experimentado um certo desenvolvimento, «mas muito terá que ser feito para dotá-la de melhores condições de vida».

Com uma população universitária em torno de dois a três mil alunos, a cidade do Gama, de acordo com o titular da CIG, «precisa urgente de uma universidade». Ele se queixa, ainda, que «a falta de professores é muito grande, e poucas são as escolas, que ministram todas as aulas previstas para o dia».

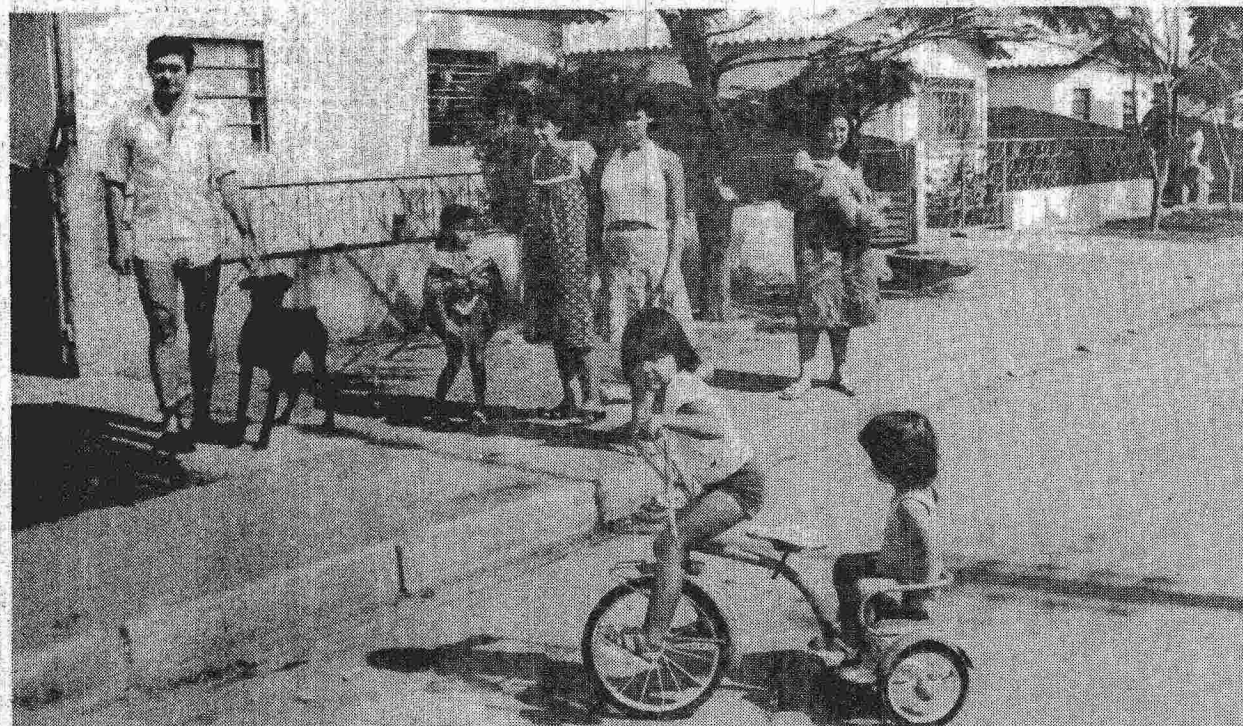
As cidades-satélites — diz Ueber — continuam marginalizadas do processo de desenvolvimento do Plano Piloto, e acreditamos que somente com uma representação política para Brasília parte dos nossos problemas poderá vir a ser resolvida, evitando dessa forma, fatos como o ocorrido recentemente, quando as cidades-satélites, finalmente, receberam as suas circunscrições judiciárias, mas essas se encontram sem as mínimas condições de funcionamento.

ADMINISTRAÇÃO

O ano de 1980 é de boas perspectivas para o Gama, no entender de seu administrador Waldir Bezerra. Segundo ele, todas as quadras daquela-satélite estarão iluminadas este ano, e recursos da ordem de 16 milhões de cruzeiros já foram repassados à CEB. Informou também que, no combate à erosão, o GDF investiu 40 milhões de cruzeiros, tendo o governador já destinado mais 20 milhões para o prosseguimento dessas obras e este mês será assinado ordem de serviço no valor de 42 milhões de cruzeiros para obras de meios-fios, passeio e asfalto no Gama.

NÚCLEO BANDEIRANTE

A menor cidade-satélite do Distrito Federal, hoje com 24 mil habitantes, deveria ter desaparecido logo após a conclusão do Plano Piloto de Brasília, em abril de 1960. No entanto, os seus moradores pioneiros, que ali chegaram para construir uma capital em tempo recorde, optaram por não abandonar a «Cidade-Livre» e, apesar das fortes pressões



O interesse do Governo é propiciar habitação condigna a todos os trabalhadores de baixa renda.

governamentais, o Movimento Pró-Fixação do Núcleo Bandeirante, liderado pelo comerciante Joaquim Cândido Garcia, acabou vitorioso.

Mesmo com um pequeno contingente populacional, o Núcleo Bandeirante se ressentiu de toda uma infraestrutura, sendo que os seus habitantes já não sabem a quem mais apelar para conseguir a construção de esgotos na cidade, a definição de um novo setor para abrigar a sua população considerada «excedente», como também uma solução para a Vila Divinéia e o Acampamento da Metropolitana, conglomerados humanos em situação irregular nas imediações do Núcleo Bandeirante.

Contudo, o administrador Vivaldo Martins salienta a preocupação do atual governo em resolver esses problemas, argumentando que a regulamentação dos loteamentos da cidade, que consistia em uma das maiores reivindicações dos moradores, já está em quase 100% solucionada pela Terracap.

SOBRADINHO

Tida pelo seu administrador, padre Jonas Vetoracci, como uma típica cidade-dormitório, Sobradinho conta hoje com cerca de 73

mil habitantes que, a exemplo do Guarã, são os poucos moradores de satélites servidos por um sistema de saneamento básico.

No entanto, enfrenta a cidade graves problemas de erosão, principalmente na Quadra dois (a maior quadra residencial do DF, com nove mil habitantes) e nas suas quadras ímpares, atingidas por fortes enxurradas na época das chuvas. Reclamam ainda os seus moradores do abandono em que se encontram as áreas verdes das interquadras, quase todas tomadas pelo mato ou transformadas em pista de automóveis.

O administrador Jonas Vetoracci, por sua vez, informa que somente na quadra 2 foram investidos 20 milhões de cruzeiros no ano passado, e que esse ano o GDF aplicará no local mais 13 milhões de cruzeiros na implantação de galerias de águas pluviais, o que, segundo ele, proporcionará uma redução significativa das erosões, «favorecendo a urbanização local e o aparecimento de estabelecimentos comerciais dos quais os moradores da quadra se ressentem».

Quanto aos problemas das quadras ímpares e do abandono das áreas verdes — diz o padre Jonas — estamos desenvolvendo programas educativos para que os habitantes ajudem a administração

na manutenção dos canteiros verdes que fazem frente às suas residências.

Para fixar a população de Sobradinho no seu local de moradia, adianta padre Jonas que todo o governo está empenhado em levar para a cidade fábricas não poluentes capazes de gerar empregos, como também fomentar a criação, em Sobradinho, de cursos pré-vestibulares que poderão incentivar, posteriormente, a ida para a cidade de alguns cursos universitários.

BRAZLÂNDIA

Existente antes da construção de Brasília como uma pacata cidade goiana que completa agora 47 anos, Brazlândia, juntamente com o Núcleo Bandeirante, têm uma população das menores do Distrito Federal.

Apesar de situada nas imediações da barragem do Rio Descoberto, que abastece Brasília de água potável, não conta ainda com rede de esgoto e muitas de suas fossas saturadas correm para pequenos riachos que, de acordo com seus moradores, desagüam diretamente na barragem.

O administrador Humberto Denucci diz que a CAESB vem estudando esse problema, e frisa

também, ser preocupação do governo do Distrito Federal a criação de um novo setor para abrigar a população da cidade que vive alojada em barracos que abrigam de três a quatro famílias.

Denucci acha que Brazlândia poderá ser «um celeiro agropecuário, pois é rica em fazendas e chácaras, com grandes plantações de hortifrutigranjeiros. Além disso, a Secretaria de Agricultura vem dando grandes incentivos para o desenvolvimento da região geoeconômica do Distrito Federal, como também de suas cidades-satélites com vocação agrícola». Segundo o administrador, o aproveitamento do potencial de produção agrícola e pecuária da área rural de Brazlândia e de cidades a ela vizinhas, como Padre Bernardo e Corumbá, de muito ajudaria a minorar o quadro de subemprego e marginalização que atinge a grande parte das famílias daquela região.

CRUZEIRO

Considerado um setor residencial do Plano Piloto, portanto fora das cogitações de cidade-satélite, o Cruzeiro, apesar disso, ainda não tinha sido visto pelo Governo do Distrito Federal, segundo os seus moradores, como parte do Plano Piloto de Brasília, fato que os levou, no início deste ano, a se mobilizarem em torno de suas reivindicações de urbanização e infraestrutura.

A direção da Associação Comercial do Cruzeiro, que a exemplo de suas congêneres de outras cidades-satélites vem sendo portavoz da comunidade que representa, «até que uma autêntica representação política assumisse esse papel», acredita, contudo, que pela primeira vez em sua história o Cruzeiro (Velho e Novo) tomaram conhecimento publicamente de verbas a serem investidas ali.

O secretário de Viação e Obras do GDF, José Carlos Melo, anunciou à imprensa, mês passado, que a sua Secretaria deverá aplicar ainda este semestre, nas duas partes do Cruzeiro, 20 milhões em obras de calçamento e gramado. Informou ele, ainda, que será construído um balão na pista do Setor de Indústria que dá acesso ao Cruzeiro, local de constantes acidentes de veículos. Nessas obras, segundo adiantou José Melo, serão aplicados Cr\$ 11 milhões.